LUGAR PARA A MORTE NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

COMPLEXO MORTUÁRIO NO ITACORUBI

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ACADÊMICA: **FERNANDA CRISTER PASCARO**
ORIENTADOR: **CESAR FLORIANO DOS SANTOS**

SEMESTRE 2017/01

"A vida acabou e não tinha ninguém a acompanhar. Eu caminhei mais sozinho do que em qualquer lugar do mundo."

Gabriel García Márquez (1928)

Morrer é um acontecimento da vida, natural e inevitável, mas também um fenômeno cultural. Cada sociedade, ao longo da história, desenvolveu diferentes formas de lidar com a morte e com os mortos, criando rituais, costumes e locais específicos para o sepultamento. Os cemitérios são, portanto, mais do que espaços destinados aos mortos, são também reflexos da sociedade que os constrói, revelando crenças, valores e a forma como ela entende a finitude humana.

O tema se apresenta hoje de uma urgência muito maior, devido à falta de espaço para novos sepultamentos nos cemitérios tradicionais. Em Florianópolis, a capital com a maior densidade demográfica do estado de Santa Catarina, a demanda por novos espaços para o sepultamento é crescente. Além disso, a cidade vem passando por um processo de verticalização, o que torna ainda mais difícil encontrar áreas disponíveis para a construção de novos cemitérios.

A arquitetura tem um papel fundamental na criação de espaços que acolham o luto e a memória, oferecendo um ambiente digno para o sepultamento e para a despedida. Um cemitério bem projetado não apenas atende à necessidade prática de enterrar os mortos, mas também cria um espaço de contemplação, onde as pessoas podem visitar seus entes queridos, refletir sobre a vida e a morte e, de certa forma, dar um novo significado à experiência da perda.

Este trabalho se propõe a estudar a história dos cemitérios, desde a Antiguidade até os dias atuais, para entender como a arquitetura funerária se transformou ao longo do tempo. Também será feita uma análise de exemplos de cemitérios contemporâneos, com o objetivo de identificar as características que tornam esses espaços bem-sucedidos. Por fim, o estudo culminará na proposta de um novo cemitério para a cidade de Florianópolis, que busque integrar a arquitetura à paisagem natural e oferecer um espaço de qualidade para a população.

A MORTE AO LONGO DO TEMPO

Na Antiguidade Clássica, a morte era vista como uma passagem para outra vida, e os rituais funerários eram muito importantes. Os gregos e romanos acreditavam que a alma precisava ser enterrada para descansar em paz. Por isso, os cemitérios ficavam fora das cidades, em locais sagrados. Os túmulos eram decorados com esculturas e inscrições que contavam a história da pessoa falecida.

Durante a Idade Média, a Igreja Católica passou a controlar os cemitérios, que ficavam ao redor das igrejas. Acreditava-se que ser enterrado perto de um santo garantia a salvação da alma. Com o crescimento das cidades, os cemitérios ficaram superlotados e insalubres, o que causou epidemias. Isso levou à criação de novos cemitérios fora das cidades no século XVIII.

No século XIX, os cemitérios se tornaram locais de visitação e contemplação, com jardins e monumentos. Eram vistos como espaços de memória e arte. No século XX, com as guerras e o crescimento das cidades, surgiram os cemitérios militares e os cemitérios-parque, que buscam integrar a natureza ao ambiente funerário.

Hoje, as práticas funerárias são muito diversas. Além do sepultamento tradicional, a cremação e o sepultamento ecológico são cada vez mais comuns. Os cemitérios contemporâneos buscam ser mais sustentáveis e integrados à paisagem, refletindo uma nova relação com a morte e com o meio ambiente.

A MORTE NA ATUALIDADE

RITUAL SIMBÓLICO X ESPETÁCULO

Desfile de fantasias inspiradas em cemitérios e mortos-vivos no Carnaval de Rua de Florianópolis, 2025.

Desde os tempos mais antigos e de maneiras bem diversificadas, a morte sempre foi um tema muito presente na vida em sociedade. Ela é um fenômeno natural, mas também cultural, e cada povo criou formas de lidar com ela. Rituais, crenças e costumes mostram como a morte não é apenas o fim da vida, mas também um momento importante para a memória, a família e a comunidade.

Nas sociedades mais antigas, a morte era vista como uma passagem para outra vida. Por isso, os rituais funerários eram muito importantes. Os egípcios, por exemplo, acreditavam que a alma precisava do corpo para continuar existindo, e por isso criaram a mumificação. Os gregos e romanos também tinham rituais complexos, com cerimônias, oferendas e locais sagrados para os mortos.

Durante a Idade Média, a Igreja Católica passou a controlar os cemitérios, que ficavam ao redor das igrejas. Acreditava-se que ser enterrado perto de um santo garantia a salvação da alma. Com o crescimento das cidades, os cemitérios ficaram superlotados e insalubres, o que causou epidemias. Isso levou à criação de novos cemitérios fora das cidades no século XVIII.

No século XIX, os cemitérios se tornaram locais de visitação e contemplação, com jardins e monumentos. Eram vistos como espaços de memória e arte. No século XX, com as guerras e o crescimento das cidades, surgiram os cemitérios militares e os cemitérios-parque, que buscam integrar a natureza ao ambiente funerário.

Hoje, as práticas funerárias são muito diversas. Além do sepultamento tradicional, a cremação e o sepultamento ecológico são cada vez mais comuns. Os cemitérios contemporâneos buscam ser mais sustentáveis e integrados à paisagem, refletindo uma nova relação com a morte e com o meio ambiente.

A MORTE SEM LUGAR

Desde os tempos mais antigos e de maneiras bem diversificadas, a morte sempre foi um tema muito presente na vida em sociedade. Ela é um fenômeno natural, mas também cultural, e cada povo criou formas de lidar com ela. Rituais, crenças e costumes mostram como a morte não é apenas o fim da vida, mas também um momento importante para a memória, a família e a comunidade.

Nas sociedades mais antigas, a morte era vista como uma passagem para outra vida. Por isso, os rituais funerários eram muito importantes. Os egípcios, por exemplo, acreditavam que a alma precisava do corpo para continuar existindo, e por isso criaram a mumificação. Os gregos e romanos também tinham rituais complexos, com cerimônias, oferendas e locais sagrados para os mortos.

Durante a Idade Média, a Igreja Católica passou a controlar os cemitérios, que ficavam ao redor das igrejas. Acreditava-se que ser enterrado perto de um santo garantia a salvação da alma. Com o crescimento das cidades, os cemitérios ficaram superlotados e insalubres, o que causou epidemias. Isso levou à criação de novos cemitérios fora das cidades no século XVIII.

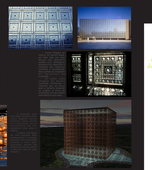
No século XIX, os cemitérios se tornaram locais de visitação e contemplação, com jardins e monumentos. Eram vistos como espaços de memória e arte. No século XX, com as guerras e o crescimento das cidades, surgiram os cemitérios militares e os cemitérios-parque, que buscam integrar a natureza ao ambiente funerário.

Hoje, as práticas funerárias são muito diversas. Além do sepultamento tradicional, a cremação e o sepultamento ecológico são cada vez mais comuns. Os cemitérios contemporâneos buscam ser mais sustentáveis e integrados à paisagem, refletindo uma nova relação com a morte e com o meio ambiente.

CEMITÉRIOS

CREMAÇÃO

REFERÊNCIA ESTÉTICA



INTENÇÕES DE ESPAÇOS

DETALHE CONSTRUTIVO

MUXARABI

CEMITÉRIO SÃO FRANCISCO DE ASSIS

ITACORUBI

IN LOCO: **FLORIANÓPOLIS**

O TERRENO

O terreno de estudo para o projeto está localizado no bairro Itacorubi, na porção continental de Florianópolis, Santa Catarina. Ele está situado em uma área de transição entre a ocupação já consolidada da cidade e as últimas reservas de vegetação nativa, o que lhe confere um valor ambiental e paisagístico significativo. A escolha deste local se justifica pela sua proximidade com importantes vias de acesso, como a Rodovia SC-401 e a Avenida Madre Benvenuta, o que garante uma boa conexão com o restante da ilha. Além disso, a presença de fragmentos de mata ciliar e de um corpo d'água nas proximidades oferece um contexto natural rico para a implantação de um equipamento que lida com a memória e a contemplação.

Vista do terreno a partir da Rua Antônio Gaspar Vieira Cunha, mostrando a topografia acidentada e a vegetação densa que o circunda.

Vista aérea do terreno e seu entorno imediato, destacando a proximidade com a Rodovia SC-401 e a área de preservação ambiental.

DIRETRIZES DE PROJETO

As diretrizes de projeto foram estabelecidas a partir de uma análise crítica do terreno e de seu contexto, buscando soluções que respondessem aos desafios e potencialidades identificados. O objetivo principal é criar um cemitério que seja um espaço de contemplação, memória e integração com a natureza, e não apenas um local de sepultamento. Para isso, foram definidas as seguintes diretrizes:

- **Preservação e valorização da vegetação nativa:** A mata ciliar existente será preservada e integrada ao projeto, criando um corredor ecológico e um ambiente de sombra e frescor para os visitantes.
- **Respeito à topografia:** O projeto se adaptará à topografia acidentada do terreno, evitando grandes movimentos de terra e utilizando a inclinação a favor da ventilação e da drenagem.
- **Hierarquia de espaços:** Serão criados diferentes níveis de privacidade, desde áreas públicas de acesso e contemplação até áreas mais reservadas para o sepultamento e o luto.
- **Acessibilidade universal:** Todos os espaços serão projetados para serem acessíveis a pessoas com mobilidade reduzida, com rampas, pisos táteis e sinalização adequada.
- **Integração com o entorno:** O muro do cemitério será substituído por uma cerca viva ou por um gradil baixo, permitindo a visibilidade e a integração com a paisagem.
- **Sustentabilidade:** Serão utilizadas técnicas construtivas e materiais que minimizem o impacto ambiental, como o reaproveitamento de água da chuva e o uso de materiais locais.

PLANO DIRETOR

Mapa de zoneamento de Florianópolis, com destaque para a área de estudo, localizada na Zona de Uso Misto (ZUM).

O PROJETO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa sobre o tema da morte e suas relações com a cidade contemporânea. Nesse sentido, o objetivo é criar um cemitério que seja um espaço de contemplação, memória e integração com a natureza, e não apenas um local de sepultamento. Para isso, foram definidas as seguintes diretrizes: preservação e valorização da vegetação nativa, respeito à topografia, hierarquia de espaços, acessibilidade universal, integração com o entorno e sustentabilidade. Essas diretrizes foram estabelecidas a partir de uma análise crítica do terreno e de seu contexto, buscando soluções que respondessem aos desafios e potencialidades identificados.

O partido arquitetônico foi definido a partir de uma análise crítica do terreno e de seu contexto, buscando soluções que respondessem aos desafios e potencialidades identificados. O objetivo principal é criar um cemitério que seja um espaço de contemplação, memória e integração com a natureza, e não apenas um local de sepultamento. Para isso, foram definidas as seguintes diretrizes: preservação e valorização da vegetação nativa, respeito à topografia, hierarquia de espaços, acessibilidade universal, integração com o entorno e sustentabilidade. Essas diretrizes foram estabelecidas a partir de uma análise crítica do terreno e de seu contexto, buscando soluções que respondessem aos desafios e potencialidades identificados.

Implantação geral do projeto, mostrando a relação com o entorno e a hierarquia de espaços.

Planta de implantação com a setorização do terreno e a localização dos principais edifícios.

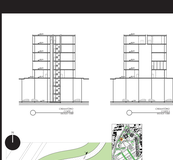
Corte esquemático mostrando a relação entre os edifícios e a topografia do terreno.

Vista da entrada principal do cemitério, com a capela e a administração ao fundo.

Vista do interior de um dos edifícios, mostrando a iluminação natural e a relação com a vegetação.

AS TRÊS VELAS - BLOCO A

O CREMATÓRIO



VISTAS DO PROJETO

AS TRÊS VELAS - BLOCO C

AS TRÊS VELAS - BLOCO B

A FITA

PROCESSOS

O CREMATÓRIO

A FITA

A EVOLUÇÃO DA LAJE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Texto de conclusão do trabalho, retomando os objetivos da pesquisa, as diretrizes de projeto e as soluções propostas. Destacar a importância do tema da morte na cidade contemporânea, a falta de espaço para novos sepultamentos nos cemitérios tradicionais e a necessidade de um novo cemitério para Florianópolis. Ressaltar a importância da arquitetura na criação de espaços que acolham o luto e a memória, oferecendo um ambiente digno para o sepultamento e para a despedida. Por fim, apontar para os próximos passos do trabalho, como o desenvolvimento do projeto executivo e a sua implantação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício A. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1987.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

BARROS, Rodrigo. **Cidade e morte**: a arquitetura dos cemitérios. São Paulo: Editora Senac, 2010.

BRASIL. **Lei nº 6.766, de 19 de dezembro de 1979**. Dispõe sobre o parcelamento do solo urbano e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1979.

CAMPOS, Ana Paula. **Cemitérios-parque**: uma nova concepção. Florianópolis: UFSC, 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).

CARVALHO, Maria Cristina. **Cemitérios de Florianópolis**: história e memória. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

CORREIA, Telma de Barros. **Arquitetura funerária**: uma introdução. São Paulo: Annablume, 2008.

FLORIANÓPOLIS. **Lei Complementar nº 482, de 17 de janeiro de 2014**. Institui o Plano Diretor de Florianópolis. Florianópolis, SC: Câmara Municipal, 2014.

GOMES, Marcos. **Cemitérios e memória**: a arte funerária como patrimônio. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

HERTZ, Robert. **A morte e a mão direita**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1960.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

LIMA, Fernando. **Arquitetura e luto**: espaços para a memória. São Paulo: Editora Senac, 2015.

MACHADO, Ana Paula. **Cemitérios-parque**: uma nova concepção. Florianópolis: UFSC, 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).

MARTINS, Carlos. **Cemitérios de Florianópolis**: história e memória. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

MENEZES, Ana Paula. **Arquitetura funerária**: uma introdução. São Paulo: Annablume, 2008.

MORAES, Rodrigo. **Cidade e morte**: a arquitetura dos cemitérios. São Paulo: Editora Senac, 2010.

NASCIMENTO, Maria Cristina. **Cemitérios de Florianópolis**: história e memória. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

OLIVEIRA, Fernando. **Arquitetura e luto**: espaços para a memória. São Paulo: Editora Senac, 2015.

PEREIRA, Ana Paula. **Cemitérios-parque**: uma nova concepção. Florianópolis: UFSC, 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).

PEREIRA, Maria Cristina. **Cemitérios de Florianópolis**: história e memória. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

RIBEIRO, Ana Paula. **Arquitetura funerária**: uma introdução. São Paulo: Annablume, 2008.

SANTOS, Rodrigo. **Cidade e morte**: a arquitetura dos cemitérios. São Paulo: Editora Senac, 2010.

SILVA, Fernando. **Arquitetura e luto**: espaços para a memória. São Paulo: Editora Senac, 2015.

SOUZA, Ana Paula. **Cemitérios-parque**: uma nova concepção. Florianópolis: UFSC, 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).

VELHO, Gilberto. **Antropologia da morte**: ensaios sobre a morte e o luto. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.